

INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO SUPERIOR: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA PROPOSTA DE EDGAR MORIN

Ana Paula Perardt Farias¹
Renata Nazaré Machado Tárrio dos Santos²

RESUMO

Este artigo teve por objetivo compreender como a interdisciplinaridade atua no perfil de ensino das universidades para uma aprendizagem mais efetiva e pela busca do conhecimento. Também se discutiu a importância dos sete saberes necessários à educação do futuro, propostos por Edgar Morin (2000), no que tange o contexto atual brasileiro do ensino superior. Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica a fim de contribuir para a reflexão de um ensino universitário mais complexo. Considera-se, por fim, que as reflexões preliminares apontaram para os seguintes aspectos: a importância do projeto pedagógico como norteador dos objetivos do ensino; a integração interdisciplinar como um processo para a melhoria da qualidade do ensino. Conclui-se que a educação superior funciona, na realidade atual, como palco principal da possibilidade de trabalhar os setes saberes necessários para a educação do futuro. Para isto, é fundamental uma postura diferenciada dos docentes para enfrentar o mercado que propõe cursos de graduação essencialmente técnicos, em detrimento do conhecimento complexo.

Palavras-chaves: Interdisciplinaridade. Ensino superior. Edgar Morin. Educação.

ABSTRACT

This article had as its objective to understand how the interdisciplinary acts in the universities' teaching profile to a more effective learning and pursuit of knowledge. Were discussed as well the seven necessary knows to the future education, based in Edgar Morin (2000), regarding the current brazilian higher education context. However, a bibliographical research was done seeking to contribute to a more complex university teaching. It's considered, finally, that the preliminary reflections appoints to the following aspects: the importance of a pedagogic project as a guide of the teaching objectives; the interdisciplinary integration as a process to improve quality in education. The higher education, in conclusion, works, now a days, as a mean stage of the possibility of working the seven knows necessities to the future education. For this, a different position of teachers is essential to face the markets propositions of an undergraduate course essentially technical, at the expense of complex knowledge.

Key-words: Interdisciplinarity. University. Edgar Morin. Education.

¹ Pós-graduanda Lato Sensu em Docência no Ensino Superior pelas Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU. Graduada em Turismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. E-mail: ana.perardt@hotmail.com

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Especialista em Cultura e Meios de Comunicação pela PUC-SP/SEPAC. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: tarrio.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Edgar Morin autor da reflexão sobre os sete saberes necessários à educação do futuro, não se dedica a nenhuma esfera da educação em particular. Pelo contrário, Morin deixa claro que a educação não pertence a uma instituição específica e não se concentra na sala de aula, mas deve ultrapassar o conhecimento fragmentado que coloca os alunos como receptores de informação ao longo da vida escolar.

Sua mãe morreu quando tinha apenas dez anos, o que trouxe muita tristeza para a vida de Morin. Entretanto, foi a partir deste episódio que começou a se interessar pela literatura. A própria trajetória pessoal do autor revela seu comprometimento com o conhecimento de uma forma universal. Formado em Letras, História e Geografia, estudou também Direito, Filosofia, Sociologia e Economia. Adepto da leitura e da participação política desde cedo, Morin atuou na resistência à ocupação Nazista na Alemanha e entrou para o Partido Comunista Francês. No entanto, sua natureza questionadora o levou a ser expulso deste por não concordar com muitos pontos do stalinismo.

O autor é considerado o arquiteto da complexidade em combate à especialização, à simplificação e à fragmentação de saberes. O teórico entende que para uma prática pedagógica libertadora que resulta em um aluno pensante e questionador, é necessário buscar a interdisciplinaridade e, mais à frente, a transdisciplinaridade.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade será articuladora do processo de ensino e de aprendizagem na medida em que se produzir como atitude (FAZENDA, 1979), como modo de pensar (MORIN, 2000), como pressuposto na organização curricular (JAPIASSU, 1976), como fundamento para as opções metodológicas do ensinar (GADOTTI, 2004), ou ainda como elemento orientador na formação dos profissionais da educação.

Neste artigo, irá se discutir a importância da proposta de Edgar Morin no contexto atual brasileiro do ensino superior. E, diante do exposto, tem-se como objetivo desta pesquisa descritiva e bibliográfica compreender como a interdisciplinaridade atua no perfil do ensino nas universidades para uma aprendizagem mais efetiva e pela busca do conhecimento.

2. SOBRE O MÉTODO

A metodologia da pesquisa compreendeu procedimentos de revisão de literatura, procurando interpretar o processo e construir compreensões teóricas mais elaboradas relacionadas às temáticas sobre o Ensino Superior, Interdisciplinaridade e a proposta de Edgar Morin.

O trabalho desenvolveu-se através do estudo e incorporação de bibliografia contemporânea sobre as temáticas investigadas. Estudos que abordem tais temas de uma maneira geral e de forma específica, e discursar sobre a proposta de Edgar Morin, um dos maiores pensadores da atualidade, que discute a teoria da complexidade e os sete saberes necessário para a educação do futuro. Além disso, a possibilidade de desenvolvimento e divulgação do papel da interdisciplinaridade no processo de ensinar e de aprender na escolarização formal, buscando-se articular as abordagens pedagógicas e epistemológicas, com seus avanços, limitações, conflitos e consensos.

O texto divide-se em: introdução, metodologia, a universidade para além do mercado, a proposta de Edgar Morin, a importância da interdisciplinaridade no Ensino Superior, e, por fim, apresentam-se as considerações finais e referências bibliográficas.

3. A UNIVERSIDADE PARA ALÉM DO MERCADO

O século XXI recorreu em grandes mudanças para o ensino superior no Brasil. A democratização do acesso à universidade possibilitado através de programas do governo federal como o PROUNI (Programa Universidade para Todos), a facilitação de financiamento do ensino como o FIES (Programa de Financiamento Estudantil) e as cotas sociais para universidades públicas, trouxe novos desafios para a educação universitária no país.

Neste contexto, na década de 2000, houve um crescimento de matrículas em todos os níveis educacionais de países latino americanos, acompanhada de um gradativo aumento de recursos para custear as dispensas da expansão (BORGES, 2003, p.126 a 134), incluindo nestes termos as mudanças brasileiras.

De fato, o considerável aumento de pessoas de diferentes classes sociais que, atualmente, frequentam o ensino superior, caracteriza-se, talvez, como uma das grandes metamorfoses experimentada pela sociedade brasileira no campo educacional depois de 1891, ano em que a Constituição da República descentralizou a oferta de ensino superior, permitindo que os governos estaduais e a iniciativa privada criassem seus próprios estabelecimentos. (PRESTES, 2012)

No entanto, esta mesma democratização que traz o Brasil a um aumento de indivíduos com diploma de curso superior é acompanhada de outras problemáticas que lhe são consequentes, como a superespecialização do ensino e a visão demasiadamente mercadológica. O perfil dos alunos que hoje procuram uma graduação é voltado à atender as demandas do mercado. A necessidade de um conhecimento pragmático e específico parte também da lógica escolar anterior à universidade. O aluno entende a sala de aula como um espaço para adquirir conhecimentos, transformando o professor em um transmissor de conhecimentos dentro de uma relação de poder na qual o aluno assume uma posição muito mais passiva (de receber informações) e muito menos ativa (de buscar informações).

É de se esperar essa expectativa do aluno em relação à Universidade já o mesmo foi, durante o ensino infantil, fundamental e médio, submetido a uma educação bancária, como quer Paulo Freire, que visa apenas depositar informações sobre o aluno, domesticando-o e deixando-o à margem de sua própria aprendizagem (FREIRE, 2001).

Por um lado, têm-se alunos pressionados pela necessidade urgente de passar no vestibular e, por outro, escolas que não conseguem abrir mão do ensino fragmentado pelo mesmo fim, a educação brasileira ainda não tem perspectivas de mudanças mais profundas no âmbito escolar. A instauração do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) como processo seletivo para entrar em um curso superior já funciona como um primeiro passo, ainda discreto, para a interdisciplinaridade, mas ainda não proporcionou transformações no modo do aluno entender a própria educação.

O desafio, portanto, consiste em lutar por uma reforma do pensamento deste aluno quando o mesmo chega no ensino superior mas, sobretudo, do professor, que deve entender o conceito de universidade na qual a instituição tem, além do ensino,

uma função formativa social, cultural, de pesquisa e extensão (SILVA, 2001). O docente deve entender-se enquanto um orientador de um processo no qual o aluno é sujeito de sua própria aprendizagem e, mais que isso, levar o aluno a refletir sobre as diferentes dimensões que sua atuação no mercado de trabalho implica no mundo enquanto cultura, tradição, política e comunidade.

A Universidade, portanto, não deve oferecer ao aluno apenas as perspectivas de inserção no mercado, mas deve orientar para uma formação completa, ou complexa, como propõe Edgar Morin, na qual a instituição cumpra efetivamente com seu papel de formar cidadãos críticos e questionadores que agirão não somente em sua área de trabalho, mas atuarão como agentes de mudança em sua realidade social.

4. A PROPOSTA DE EDGAR MORIN

O questionamento que deve guiar o docente para assumir sua finalidade dentro da Universidade é de que formas ele pode levar o aluno a quebrar os paradigmas da educação escolar que obteve e transformá-la para o pensamento complexo no ensino superior. Desta forma, nesta pesquisa propõe-se a transformação do ensino universitário a partir da obra *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, escrito por Edgar Morin (2000). Ainda que o autor disponha de outras obras sobre complexidade, “os sete saberes” configura-se como um mapa que, ao ser trilhado, pode-se levar a um considerável resultado na educação formativa no ensino superior. Neste sentido, o presente trabalho abordará um a um de maneira a elucidar a teoria do autor com exemplos que o clarifiquem.

O primeiro saber ao qual Morin se refere é a respeito das cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão, no qual defende que todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. Durante nossa vida, nos são ensinadas algumas “verdades” como se fossem absolutas, impassíveis de questionamento. Desta forma, reproduz-se o que se aprende em sala de aula, muitas vezes sem averiguar ou pesquisar outros pontos de vista. É o certo contra o errado.

Este comportamento também se estabelece em âmbito midiático onde são fornecidos diversos tipos de informações que muitas vezes a sociedade defende sem

investigar quais os interesses político-econômicos por trás daquela transmissão. Isto ocorre porque não é ensinado durante a vida escolar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão. Ou seja, o autor propõe que precisa-se aprender a pesquisar, a não ver o mundo só de um ângulo e a não sustentar opiniões que contemplem “um lado só”, pois a realidade é mais complexa que os pontos de vista que muitas vezes são apresentados e, se não buscar conhecimento de forma complexa, provavelmente a sociedade cairá mais uma vez em algum erro ou ilusão.

O segundo saber relata os princípios do conhecimento pertinente, Morin defende que não é preciso aniquilar a ideia da disciplina, mas rearticular a ideia da disciplina em outros contextos, ou seja, adequar o conhecimento da disciplina no dia a dia, nas experiências do cotidiano, saber ir além, quando Morin trata da complexidade. Um dos problemas universais que é o desafio da educação do futuro são os saberes desunidos ou divididos, como as pessoas são ensinadas desde pequenos, porém, de outro lado, as realidades ou os problemas cada vez mais globais necessitam serem visualizados, precisa-se de diálogo entre as disciplinas e saber uni-las com os problemas do cotidiano e do mundo.

Entretanto, há ciências que já praticam o conhecimento pertinente, como a Ecologia que junta áreas variadas do conhecimento. O conhecimento pertinente traz uma visão contra a ideia da fragmentação das disciplinas. Morin também relata a importância de entender o contexto, como exemplo ele discorre sobre a palavra amor, que muitas vezes muda de sentido no contexto religioso, por exemplo, ou no contexto profano, como uma declaração de amor, que ambas têm sentidos diferentes. Por isso, a importância de entender o contexto (MORIN, 2000).

O terceiro saber diz respeito ao ensinar a condição humana. Carrega-se uma identidade humana que vai além da nossa identidade geográfica ou biológica, e a escola, de uma forma geral, negligencia essa condição a qual todos estão submetidos. As pessoas muitas vezes são estudadas como seres biológicos pela Biologia, Medicina e outras áreas da saúde. São pesquisadas enquanto seres psicológicos pela Psicologia e Psiquiatria. São entendidas como seres sociais pela Sociologia, Filosofia e Antropologia.

No entanto, com o saber fragmentado, as pessoas são levadas a compreender de uma forma complexa, na qual se entende como pertencentes a uma espécie e imersos em uma sociedade que ora constrói, ora construí. Quando a sociedade se encaixa em disciplinas separadas, nega-se a natureza humana ao olhar apenas por um viés. Esquece que, na proposta de Morin, a sociedade é mais que “homo sapiens” e enquadra-se como “homo sapiens demens”, aquele que carrega em si a razão e a loucura.

Logo, não pode-se aprender sobre a vida apenas nas ciências formais, mas buscar um conhecimento sobre vivências que esbarram no dia-a-dia como o amor, o ciúme e a morte. Em uma proposta interdisciplinar que trabalhasse a condição humana, Morin acredita que concluir mais das pessoas, iria ser mais fácil de lidar com a natureza humana.

O quarto saber discorre como ensinar a identidade terrena. A terra é a nossa pátria. A ideia da identidade terrena está ligada a ideia da sustentabilidade. Precisa-se ensinar nas escolas, para os alunos que a terra é um pequeno planeta e que precisa ser cuidado, ou seja, construir um planeta sustentável e viável para as futuras gerações. Com a globalização que se está vivendo hoje, é outro aspecto que o ensino precisa reavaliar, assim como o planeta e seus problemas, a aceleração histórica, a quantidade de informação que as pessoas não conseguem processar e organizar.

O crescimento das ameaças no planeta se expande em vez de diminuir, como exemplos: a ameaça nuclear, a ameaça ecológica, a degradação da vida planetária. É necessário ensinar que não é suficiente reduzir a um só a complexidade dos problemas importantes do planeta, como a demografia, a escassez de alimentos, a bomba atômica ou o meio ambiente. Os problemas estão todos amarrados uns aos outros. É preciso mostrar que a humanidade vive agora uma comunidade de destino comum. Países ajudando países, pessoas ajudando pessoas, só assim poderão pensar nas futuras gerações.

No quinto saber, Morin nos propõe a enfrentarmos as incertezas. Isto porque a ciência cartesiana construiu a ideia de que tudo que é científico pertence ao reino da certeza. Frequentemente usa-se a frase “isto é verdade, pois é comprovado cientificamente”. Ora, a própria ciência tem mostrado que o conhecimento não é

estático, tanto que certas pesquisas apresentam resultados controversos. Desta forma, não pode-se tomar a ciência como a verdade única e absoluta. Pelo contrário, não existem verdades absolutas e é por isso que a sociedade se transforma ao longo das gerações.

No entanto, as pessoas não são ensinadas a entender a incerteza como algo positivo. Seria preciso, portanto, segundo o autor, ensinar princípios de estratégia que permitissem enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo. Isto porque o conceito de estratégia lhe parece o mais interessante que o de programação. Morin (2000) acredita que se programas em diferentes tarefas (pessoais, profissionais, governamentais, etc.) não irá abrir espaço para as incertezas que podem surgir pelo caminho, levando a uma constante incapacidade de lidar com o novo, com o imprevisto e, conseqüentemente, transforma em seres mais inflexíveis.

Precisa-se aprender que a incerteza pode comandar o avanço do saber e da cultura, afinal, são das dúvidas e dos questionamentos que encontram-se diversas respostas para problemas da humanidade.

O sexto saber fala da importância de ensinar a compreensão. A compreensão deve ser o meio e o fim da comunicação humana. A comunicação humana deve ser voltada para a compreensão. Observa-se a incompreensão no dia a dia, na realidade pessoal e profissional, por exemplo, nas instituições de ensino: disciplinas que brigam com as outras, departamentos e setores que não dialogam, como a compreensão predominará se observa-se isso dia após dia?

Infelizmente, a grande inimiga da compreensão é a falta de preocupação em ensiná-la. A ideia da compreensão pode ser estendida ao planeta que precisa de mais compreensão. O que caracteriza hoje o planeta, enquanto terra pátria é a incompreensão política, ideológica e econômica. Observa-se a toda hora nos noticiários, na internet, brigas políticas e religiosas, levando a milhares de mortes, muitas vezes por um pensamento, uma posição, uma opinião. As pessoas não estão mais respeitando o outro, e isso é preocupante. Na realidade, isto está se agravando, já que o individualismo ganha cada vez mais espaço no dia a dia. Está se vivendo numa sociedade individualista, que favorece o sentido de responsabilidade individual, que

desenvolve o egocentrismo, o egoísmo e que, conseqüentemente, alimenta a autojustificação e a rejeição ao próximo.

Por isso, é importante compreender não só os outros como a si mesmo, a necessidade de se autoavaliar, de analisar a autojustificação, pois o mundo está cada vez mais devastado pela incompreensão que é o câncer do relacionamento entre os seres humanos, como aborda Morin (2000). Por isso, precisa-se introduzir novamente nas instituições de ensino a compreensão, a empatia de se colocar no lugar da outra pessoa, saber ouvi-la, ajudá-la, já é um caminho andando nesse mundo com pessoas tão individualistas.

O sétimo saber diz respeito à ética do gênero humano, a qual Edgar Morin chama de antropoética. Nesta ética, a proposta é o ensino da relação entre indivíduo, sociedade e espécie. Já que todos compartilham um destino comum, todos são convidados a cumprir com as responsabilidades pessoais, os deveres e compromissos com a sociedade e com o gênero humano, com a humanidade. Neste ponto, Morin acredita que a antropoética não é possível fora da democracia, pois só a democracia estabelece uma relação real entre indivíduo e sociedade, na qual o indivíduo se sente (ou deve se sentir) responsável pelo curso que a sociedade toma. Morin pondera que apesar de não existir democracia completa, fazer o exercício da democracia é imprescindível para a própria evolução da sociedade já que este é o único regime no qual o poder perpassa entre sociedade e seus representantes.

Pode-se observar que os sete saberes necessários à educação do futuro estão absolutamente interligados entre si, ou seja, a proposta de uma conversa intimamente com os outros, tornando-os interdependentes para uma mudança estrutural na educação da atualidade. Morin ressalta várias vezes que não precisa destruir as disciplinas, mas sim integrá-las, reuni-las uma as outras em uma ciência como as ciências estão reunidas. Tudo pode e deve estar integrado, para permitir uma mudança de pensamento que idealiza tudo de uma maneira fragmentada e dividida e impede de ver a realidade como é. Essa visão fragmentada faz com que os problemas permaneçam invisíveis. Por isso, precisa-se construir e reconstruir o pensamento, utilizando a realidade, os problemas atuais, as experiências para que o ensino torne-se

um conhecimento pertinente, e assim, forme pessoas mais sensibilizadas, pensando em seu propósito e respeitando o próximo.

5. A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Edgar Morin é considerado o pai da complexidade, mas o que seria isso? O pensamento complexo, segundo o autor, tem como fundamento formulações surgidas no campo das ciências exatas e naturais, como as teorias da informação e dos sistemas e a cibernética, que evidenciaram a necessidade de superar as fronteiras entre as disciplinas. Ele considera a incerteza e as contradições como parte da vida e da condição humana e, ao mesmo tempo, sugere a solidariedade e a ética como caminho para a religação dos seres e dos saberes (FERRARI, 2015).

O autor ressalta a transdisciplinaridade, ele está convencido de que tudo se liga a tudo e de que é urgente aprender a aprender, o educador adquirirá uma nova postura diante da realidade, necessária para uma prática pedagógica libertadora. Assim, unem-se as mais variadas disciplinas para que se torne possível um exercício mais amplo da cognição humana, além de uma integração de saberes. Este olhar múltiplo permite que se abranja a complexidade crescente do mundo pós-moderno, o que justifica a definição da interdisciplinaridade como um fluir de ideias e, mais particularmente, um movimento de reflexão sobre estes conceitos.

A interdisciplinaridade surgiu nos anos 70 como resposta às necessidades de uma abordagem mais integradora da realidade. Ainda que muitas vezes esteja associada a modismo ou à realização de projetos apenas aparentemente ou pseudo-interdisciplinares na área da educação, ela nasce da hipótese de que, por seu intermédio, é possível superar os problemas decorrentes da excessiva especialização, contribuindo para vincular o conhecimento à prática (DENCKER, 2002, p. 19).

Segundo Gadotti (2004), a interdisciplinaridade surge em resposta a uma necessidade verificada principalmente nos campos das ciências humanas e da educação, para superar a fragmentação e o caráter de especialização do conhecimento. Contudo, usar a interdisciplinaridade permite transpor este abismo e formar não mais especialistas, mas sim profissionais com uma bagagem mais ampla, melhor preparados para enfrentar o competitivo e cruel mercado de trabalho.

A interdisciplinaridade busca responder à necessidade de superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento. Trata-se de um movimento que caminha para novas formas de organização do conhecimento ou para um novo sistema de sua produção, difusão e transferência.

Ferreira (2000) considera que, na educação, e principalmente considerando-se a educação superior, a parceria é indispensável para que ocorra a interdisciplinaridade. Ainda, na opinião do autor, a ideia de construção da aprendizagem e o gosto pela pesquisa são fatores indispensáveis. Entretanto, é preciso esclarecer que a interdisciplinaridade não é uma técnica didática, nem um método de investigação, mas como elemento teórico-metodológico da diversidade e da criatividade.

Entretanto, na sala de aula, ou em qualquer outro ambiente de aprendizagem, são inúmeras as relações que interferem no processo de construção e organização do conhecimento. As relações múltiplas entre professores, alunos e objetos de estudo constroem o contexto de trabalho dentro do qual as relações de sentido são construídas. Sendo assim, a interdisciplinaridade pode ajudar a construir um sujeito com novos olhares e preparado para enfrentar as incertezas do mundo moderno. Como ressalta Thiesen (2008):

Nesse complexo trabalho, o enfoque interdisciplinar aproxima o sujeito de sua realidade mais ampla, auxilia os aprendizes na compreensão das complexas redes conceituais, possibilita maior significado e sentido aos conteúdos da aprendizagem, permitindo uma formação mais consistente e responsável. (THIESEN, 2008, p.551)

Para Favarão (2004) a interdisciplinaridade surge em decorrência da diversidade de várias disciplinas, aproveitando sua identidade individual e suas idéias em comum, que são aceitas como enriquecimento e complementaridade de aquisições e concepções coletivas.

E, para Gadotti (2004), a interdisciplinaridade visa garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com as fronteiras das disciplinas. Para isso, integrar conteúdos não seria suficiente. É preciso, como enfatiza Ivani Fazenda (1979), também uma atitude interdisciplinar, condição esta, manifestada no compromisso profissional do educador, no envolvimento com os projetos de trabalho, na busca

constante de aprofundamento teórico e, sobretudo, na postura ética diante das questões e dos problemas que envolvem o conhecimento.

Paulo Freire (1987) retrata que a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com a realidade, com sua cultura, com seu dia a dia. Por isso, busca-se a expressão dessa interdisciplinaridade pela caracterização de dois movimentos dialéticos, segundo Thiesen (2008): a problematização da situação, pela qual se revela a realidade, e a sistematização dos conhecimentos de forma integrada.

Logo, o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que precisa saber algo mais profundo de sua área de formação, para dar conta de todo o processo de ensino. Ele precisa adequar também às múltiplas relações conceituais que sua área de formação estabelece com as outras ciências, e principalmente possuir o domínio do diálogo entre as disciplinas.

Por isso, quanto mais interdisciplinar for o trabalho do professor(a), quanto maiores forem as relações e o diálogo estabelecidas entre as diferentes ciências, quanto mais problematizantes, estimuladores, desafiantes e dialéticos forem os métodos de ensino, maior será a possibilidade de apreensão do mundo pelos sujeitos que aprendem. (THIESEN, 2008)

Segundo Thiesen (2008) a interdisciplinaridade, está impulsionando transformações no pensar e no agir humanos em diferentes sentidos. Retoma, aos poucos, o caráter de interdependência e interatividade existente entre as coisas e as ideias, resgata a visão de contexto da realidade, demonstra que vivemos numa grande rede de interações complexas e nos revela que todos os conceitos e teorias estão conectados entre si, que eles possuem uma relação em comum, como se fosse uma rede.

Além disso, o mesmo autor lembra que ela nos ajuda a compreender que os indivíduos não aprendem apenas usando a razão, mas também a intuição, as sensações, as emoções e os sentimentos, sentir a sensibilidade. A interdisciplinaridade acredita na criatividade das pessoas, na complementaridade dos processos, na integridade das relações, no diálogo, na problematização, em transformar pessoas mais críticas e reflexivas, enfim, numa visão articuladora que rompe com o pensamento

disciplinar, fragmentado, que marcou por muito tempo a concepção cartesiana de mundo, e infelizmente ainda faz parte de grande parte das instituições de ensino atuais. Portanto, a interdisciplinaridade é um movimento importante de articulação entre o ensinar e o aprender.

Sendo assim, tem a potencialidade de auxiliar os educadores e as escolas na ressignificação do trabalho pedagógico em termos de currículo, de métodos, de conteúdos, de avaliação e nas formas de organização dos ambientes para a aprendizagem baseada nos diversos olhares do mundo tecnológico dos dias atuais.

Contudo, todos esses avanços exigem, segundo Nogueira (1998), um repensar do currículo escolar, baseado na ideia de rede de relações, eliminando-se os conteúdos disciplinares, em prol de uma proposta interdisciplinar. Um currículo escolar atualizado, não pode ignorar o modo de funcionamento da mente humana, as necessidades de aprendizagem e as novas tecnologias. Portanto, faz-se necessário refletir sobre um modelo curricular interdisciplinar, que leve em conta a nova visão de ensino no contexto social, para que o aluno possa reintegrar o mundo do conhecimento à sua maneira de agir, pensar e sentir a visão interdisciplinar coletivamente, dentro e fora da universidade, superando o modelo fragmentado e compartimentado de estrutura curricular fundamentada no isolamento de conteúdos.

A cada visão globalizadora, novas questões surgem com o objetivo de interligar a realidade, para vivê-la plenamente. Assim, nota-se que existe um elo que interliga homem, sociedade, vida e conhecimento, os quais se explicam reciprocamente, construindo um saber consciente e globalizador da realidade, devido às atividades mentais de reflexão, reconhecimento e problematização. (FAVARÃO, 2004)

A interdisciplinaridade exige um ensino que se inicia pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados e pela ação desencadeada como relata Favarão (2004). Todo conhecimento é construído em estreita relação com o contexto social e presente no processo de formação dos alunos, pois, percebe-se quando o aluno perde o interesse, quando apenas precisa aprender para realizar a prova, quando a aprendizagem não é necessária para a sua vida. Contudo, o ponto de partida e de chegada de uma prática interdisciplinar está na administração participativa e na metodologia participativa.

Desta forma, através do diálogo que se estabelece entre as disciplinas e entre os sujeitos das ações, a interdisciplinaridade devolve a identidade às disciplinas, fortalecendo-as e evidenciando uma mudança de postura na prática pedagógica dos educadores. A interdisciplinaridade é um saber que situa os alunos num campo mais amplo dos conhecimentos, de modo que possam efetivamente se integrar na sociedade, atuando e interferindo sobre ela.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de Edgar Morin encontra grande relevância no contexto atual brasileiro, sobretudo no ensino superior. Observa-se que para acesso às escolas e universidades, faz-se necessário a realização de vestibular e, portanto, caminhando a passos lentos para uma interdisciplinaridade e uma proposta mais complexa do ensino.

Na universidade, por sua vez, encontra-se uma brecha para criar uma nova mentalidade de ensino no qual o ensino puramente técnico dá lugar a uma aprendizagem mais global, e preza a contextualização e a realidade do dia a dia, no qual a universidade cumpre seu papel de não apenas enviar um profissional técnico para o mercado de trabalho, mas sim um cidadão formado em suas várias dimensões como a humana, a social, psicológica, a profissional, entre outras.

Os sete saberes necessários à educação do futuro se tornam cada vez mais fundamentais no presente e o desafio se insere, principalmente, em uma transformação da atitude de professores que devem procurar instigar, dentro e fora de sala de aula, uma postura mais formativa em conjunto com a técnica, assumindo muito mais uma postura de orientador da aprendizagem do que de transmissor de conhecimento.

Acerca da interdisciplinaridade, ela auxilia na superação da dissociação do conhecimento produzido e orienta a produção de uma nova ordem de conhecimento, constituindo condição necessária para a melhoria da qualidade do Ensino Superior, mediante a superação da fragmentação e trabalhando entre o diálogo com as diversas áreas do conhecimento.

Contudo, o caráter de interdependência e interatividade existente entre as coisas e as ideias, resgata a visão de contexto da realidade, demonstra que vivemos numa

grande rede de interações complexas e recupera os conceitos e teorias, que, estão conectados entre si. Além disso, ajuda a compreender que os indivíduos não aprendem apenas usando a razão, o intelecto, mas também a intuição, as sensações, as emoções e os sentimentos. A interdisciplinaridade acredita na criatividade das pessoas, na importância das relações, no diálogo, na problematização, nas atitudes críticas e reflexivas, enfim, numa visão articuladora que rompe com o pensamento disciplinar fragmentado que marcou e marca, infelizmente, a concepção cartesiana de mundo. Portanto, a interdisciplinaridade é um movimento importante para fazer a articulação entre o ensinar e o aprender. Ela tem a potencialidade de auxiliar os educadores e as escolas na ressignificação do trabalho pedagógico em termos de currículo, de métodos, de conteúdos, de avaliação e nas formas de organização dos ambientes para a aprendizagem.

No entanto, este é um desafio que, individual e coletivamente, deve ser abraçado pelos docentes a fim de criar uma nova mentalidade acerca do ensino. Por isso, acredita-se que a partir de um projeto pedagógico diferenciado que contemple o aluno como um ser social, ético, ciente da sua espécie complexa, ficará muito mais viável transformar, também, a educação escolar.

REFERÊNCIAS

DENCKER, A. F. M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no Ensino Superior**: uma experiência no curso de turismo. São Paulo: Aleph, 2002

FAVARÃO, N. R. L; ARAÚJO, C. A. **Importância da interdisciplinaridade no ensino superior**. EDUCERE – Revista da Educação, p. 103-115, vol. 4, n. 2, jul./dez, 2004.

FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FAZENDA, Ivani C. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 24a Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Interdisciplinaridade: atitude e método**. São Paulo: Instituto Paulo Freire. Disponível em: <www.paulofreire.org>. Acesso em: 12 de Abril de 2015

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 8ª Edição - UNESCO. Cortez Editora, edição Brasileira, São Paulo, 2000.

NOGUEIRA, N. R. **Interdisciplinaridade aplicada**. Petrópolis. São Paulo: 1998

PRESTES, Emília Maria da Trindade; JEZINE, Edineide; SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Democratização do Ensino Superior Brasileiro: O caso da Universidade Federal da Paraíba**. Rev. Lusófona de Educação, Lisboa, n. 21, 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 de Abril de 2015.

FERRARI, Márcio. **Edgar Morin: O arquiteto da complexidade**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/arquiteto-complexidade-423130.shtml>> Acesso em: 12 de Abril de 2015

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública**. Estud. av., São Paulo, v. 15, n. 42, Aug. 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200015&lng=en&nrm=iso>. Access on: 10 April 2015.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação. V. 13. N. 39. Set./Dez. 2008.